

ECODESIGN E ECOFEMINISMO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS NO DESIGN DE MODA

Ecodesign and Ecofeminism: similarities and differences in Fashion Design

Carvalho, João Victor B. S.; Bacharel; Universidade Anhembi Morumbi,
victorbritojoao19@gmail.com¹

Leitão, Giovanna M.; Bacharela; Universidade Anhembi Morumbi, gi_ml@gmail.com²

Barretto, Hanna D.; Bacharela; Universidade Anhembi Morumbi, hannabd7@gmail.com³

Seixinho, Isadora; Bacharela; Universidade Anhembi Morumbi,
isadoraseixinho@gmail.com⁴

Mendes, Yanaí; Mestre; Universidade Anhembi Morumbi, yanaimendes@gmail.com⁵

Resumo: Este artigo apresenta um projeto cujo objetivo central é fomentar discussões sobre uma mudança de paradigma necessária à indústria da moda (tendo em vista que o paradigma em questão resulta em impactos socioambientais nocivos), e o faz a partir de uma articulação entre os conceitos de Ecofeminismo e Ecodesign. Para tal, discute-se brevemente as aproximações e os distanciamentos entre os dois conceitos, situando o Ecofeminismo enquanto epistemologia e o Ecodesign enquanto metodologia projetual.

Palavras-chave: Design de Moda; Ecofeminismo; Ecodesign.

Abstract: This article presents a project whose main goal is to further improve discussions regarding a much needed paradigm shift in the fashion industry (said paradigm results in harmful socio-environmental impacts), and does so by articulating the concepts of Ecofeminism and Ecodesign. In order to do it, the article briefly discusses similarities and differences between these concepts, situating Ecofeminism as an epistemology and Ecodesign as a design methodology.

Keywords: Fashion Design; Ecofeminism; Ecodesign.

Introdução

Aqui serão apresentadas algumas reflexões tecidas ao longo de um ano como parte de um projeto que busca discutir, inicialmente, uma mudança de paradigma necessária à indústria da moda. Essa necessidade de mudança surge ao se analisar o impacto socioambiental decorrente dos processos dessa indústria, tomando como marco dessa

¹ Bacharel em Design de Moda pela UAM (2020) e Técnico em Comunicação Visual pela ETEC Albert Einstein. Participou do Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de Design (DGP-CNPq) como pesquisador de Iniciação Científica.

² Bacharela em Design de Moda pela UAM (2020). Estagiou no projeto de extensão acadêmica Brincar LAB Modar – UAM (2019).

³ Bacharela em Design de Moda pela UAM (2020). Estagiou no projeto de extensão acadêmica Brincar LAB Modar – UAM (2019) como pesquisadora de Iniciação Científica.

⁴ Bacharela em Design de Moda pela UAM (2020).

⁵ Mestre em Design, Arte e Tecnologia pela UAM (2013), licenciada em Artes Plásticas pela UNIPLENA (2016) e formada em Design de Moda pela UAM (2010). Docente nos cursos de Design de Moda e Negócios da Moda na UAM e fotógrafa.



discussão o Relatório de Brundtland, de 1987, que evidencia, entre outras questões, a forma problemática como a humanidade tem utilizado recursos naturais não renováveis ou de baixa renovação e lidado com os resíduos produzidos a partir desse uso (BRUNDTLAND, 1987).

No contexto desse debate, surgem novas maneiras de se pensar a relação entre humanidade e natureza, pautadas pelo compromisso com o desenvolvimento sustentável que o Relatório de Brundtland sublinha. Entre esses novos olhares, encontra-se o Ecofeminismo, uma epistemologia que ganha força na década de 1990 (ROSENDO, 2012; PLUMWOOD, 1993) e que é a base a partir da qual partem as reflexões aqui apontadas.

O Ecofeminismo surge com o objetivo de reformular e integrar o debate acerca de gênero e o debate sobre ética ambiental, entendendo que são indissociáveis entre si. Isso porque, como vemos em Plumwood, (1993), o debate ecofeminista parte de uma abordagem interseccional, que reitera a indissociabilidade de questões de gênero, raça e classe. A essa tríade, ele adiciona também as questões relativas ao que pensadoras como Plumwood, Warren (2000 apud Rosendo, 2012) e Di Ciommo (2003) chamam de “dominação da natureza”, uma expressão que encapsula a forma como humanos têm utilizado recursos naturais ao longo de séculos, como já apontado anteriormente.

Essa literatura é utilizada, aqui, para repensar processos dentro do Design de Moda. No entanto, o projeto evidenciou que apenas o Ecofeminismo em si, enquanto epistemologia, não é capaz de fornecer estratégias, práticas e metodologias projetuais que deem conta da tarefa que este suscita no campo teórico-conceitual. Em outras palavras, é inviável tomar as colocações conceituais que o Ecofeminismo traz para o debate como mais que isso; conceitos. Evidentemente, isso não se deve a uma “insuficiência” da literatura ecofeminista, mas, sim, ao fato de que sua discussão fica, de fato, restrita ao campo filosófico, e não se estende ao campo projetual em sua natureza.

Para dar conta, então, da tarefa de trazer as colocações ecofeministas ao Design de Moda de maneira palpável, o projeto utiliza-se do Ecodesign para guiar as decisões projetuais tomadas. Em resumo, o Ecodesign pretende que o produto seja concebido de forma que as diversas fases de seu ciclo de vida levem em conta a minimização considerável do impacto ambiental (e, como será visto a seguir, o impacto social e econômico) gerado por ele (BERLIM, 2009; FRY, 2009b).



Entendendo que relacionar Ecofeminismo e Ecodesign pode não ser exatamente ortodoxo aos campos filosófico e projetual, este artigo tem o objetivo de sublinhar suas aproximações e seus distanciamentos de forma crítica e reflexiva, contextualizando de que forma se deu essa relação neste projeto e utilizando como referência pensadoras e pensadores de ambas as áreas, como Berlim (2009; 2012) e Fry (2009a; 2009b), além das já mencionadas Plumwood (1993), Rosendo (2012) e Di Ciommo (2003). Por fim, após contextualizar Ecofeminismo, Ecodesign, e se debruçar sobre a relação entre esses conceitos, alguns dos resultados materiais do projeto (que incluem a elaboração de uma coleção de dez *looks*) serão apresentados de forma sucinta.

Contextualizando o Ecofeminismo

As reflexões e os resultados aqui apresentados são um recorte de uma pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso em Design de Moda ao longo do ano de 2020. Por tratar-se de um artigo sucinto, não será possível aprofundar todos os tópicos levantados nessa pesquisa e, por conta disso, o foco do artigo será uma discussão essencial para o entendimento do projeto como um todo: quais são as aproximações e os distanciamentos entre os conceitos de Ecofeminismo (vindo do campo filosófico) e Ecodesign (este partindo de uma perspectiva projetual)? E como essa relação pode ser aplicada ao Design de Moda, visando a uma mudança de paradigma no campo da moda? A pesquisa se caracteriza como exploratória, tendo em vista que a metodologia consistiu principalmente em levantamento bibliográfico e revisão de literatura acerca de seus temas.

O objetivo geral, já mencionado, é contribuir para discussões acerca de uma mudança de paradigma necessária à indústria da moda a partir de uma articulação entre Ecofeminismo, Ecodesign e Design de Moda, no contexto das discussões sobre desenvolvimento sustentável, fomentadas a nível mundial há pelo menos três décadas (BRUNDTLAND, 1987). Para isso, tem-se que os objetivos específicos são: contextualizar o Ecofeminismo e o Ecodesign, problematizar a relação que estes têm entre si e a relação entre ambos e o Design de Moda, e, a partir disso, expor brevemente os resultados materiais aos quais o projeto chegou.



A relevância e a atualidade do tema ficam explícitas quando se pensa que o ano de 2020 foi marcado por uma crise socioambiental sem precedentes, ocasionada pela pandemia do Covid-19, o novo coronavírus, que, entre outras discussões, fez com que a indústria da moda reavaliasse seus processos e definisse novas prioridades e estratégias. A pesquisa se iniciou alguns meses antes da crise em questão, mas, dentro desse contexto, sua importância foi sublinhada: as consequências da relação problemática entre a humanidade e os recursos socioambientais indicam que mudanças sistêmicas são necessárias.

Nesse sentido, toma-se o Ecofeminismo como a epistemologia que fundamenta o projeto. Apesar de ganhar força e notoriedade ao longo da década de 1990, o Ecofeminismo aparece pela primeira vez em 1974, na obra *Le féminisme ou la mort*, de Françoise D'eaubonne (FLORES; TREVIZAN, 2015), na qual a autora cunhou o termo *ecological feminism* e trouxe atenção para uma linha de raciocínio que seria seguida, anos mais tarde, por ecofeministas como Karen J. Warren e Val Plumwood: a ideia de que a luta feminista possuía potencial para revolucionar a forma como se praticava a ecologia até então, e vice-versa (WARREN, 2000 apud ROSENDO, 2012).

Isso porque, de acordo com as autoras mencionadas, para que o objetivo feminista de ‘eliminar quaisquer fatores que contribuam para a dominação contínua e sistemática das mulheres pelos homens’ (ROSENDO, 2012, p. 23) possa ser alcançado, é necessário entender os diversos dispositivos que estruturam a sociedade e possibilitam essa opressão. Entre esses dispositivos, figura a “dominação da natureza”. Partindo dessa abordagem, que remete ao feminismo negro interseccional do século XX⁶, Plumwood compreende que

Nós precisamos de uma estrutura integrada para criticar tanto a dominação humana quanto a dominação da natureza – integrando a natureza como uma quarta categoria de análise na estrutura de uma teoria feminista extensa que emprega uma análise de raça, classe e gênero (PLUMWOOD, 1993, p. 12-13).

Em grande medida, tal pensamento ecoa da noção de que a dominação da natureza e seus impactos afetam mais as pessoas pertencentes aos grupos oprimidos por tais

⁶ O feminismo negro interseccional do século XX retoma uma noção apresentada por Sojourner Truth em seu discurso “*Eu não sou uma mulher?*”, proferido em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres, em Akron (Ohio, Estados Unidos), onde falou sobre a inabilidade de a reconhecerem como uma mulher negra, não apenas como uma pessoa negra e tampouco somente como uma mulher, pois sua experiência era atravessada pelas duas estruturas, nunca uma sem a outra. Outras pensadoras do feminismo interseccional no século XX são Patricia Hill Collins, bell hooks, Angela Davis etc. (ASSIS, 2019.)



estruturas, também reforçada nas obras de Plumwood e Warren. De acordo com Di Ciommo (2003), a obra de Plumwood é fundamental para entender que tais opressões funcionam como uma teia, se entrecruzando, como aponta a teoria interseccional, e que o novo paradigma que o Ecofeminismo traz se diferencia dos já existentes, por adicionar, a essa teia, questões relativas à dominação da natureza e dos ecossistemas.

Uma das estratégias adotadas por Warren para combater a dominação da natureza no campo filosófico diz respeito à “consideração moral da natureza”, que não será explorada em sua totalidade aqui, por conta do espaço limitado. Mas, em resumo, trata-se de reconhecer que o fato de que a natureza é desprovida de racionalidade tem servido de justificativa ao longo da história para dominá-la (ROSENDO, 2012). Rosendo apresenta o seguinte esquema, com vistas a expor de forma clara as ideias de Warren:

- (1) Humanos têm, e plantas e minerais não têm, a capacidade de, consciente e radicalmente, mudar de determinadas maneiras as comunidades nas quais vivem.
- (2) O que quer que tenha a capacidade de, consciente e radicalmente, mudar de determinadas maneiras a comunidade em que vive é moralmente superior ao que não tem essa capacidade. Assim,
- (3) Humanos são moralmente superiores a plantas e minerais.
- (4) Para qualquer X e Y, se X é moralmente superior a Y, então X está moralmente justificado em subordinar (dominar) Y. Assim,
- (5) Humanos estão moralmente justificados em subordinar (dominar) plantas e minerais (ROSENDO, 2012, p. 41).

A autora explica que, na realidade, sem o intuito de dominar a natureza, presente no argumento (4), as premissas (2) e (3) se tornam falácias: a racionalidade não prova que humanos são moralmente superiores à natureza, e sua dominação é, portanto, injustificável. Esse argumento é apenas um dos diversos pontos levantados pelo debate ecofeminista, dos quais destaca-se, finalmente, mais dois:

- (1) A opressão das mulheres é, historicamente, indissociável da dominação da natureza, pois ambas (mulheres e natureza) são colocadas no mesmo lugar de inferioridade em relação a elementos que as oprimem/dominam (os homens e a cultura⁷, respectivamente) (PLUMWOOD, 1993)
- (2) A dominação da natureza afeta muito mais às minorias raciais, à classe trabalhadora e às mulheres em geral, e o debate ecofeminista preza por uma abordagem interseccional em relação a esses grupos, significando que mulheres

⁷ As autoras consultadas (Rosendo, Plumwood, Di Ciommo) referem-se à “cultura” como tudo aquilo produzido por relações humanas e pela interferência humana na natureza.



não-brancas pertencentes à classe trabalhadora costumam ser afetadas com mais ênfase.

Contextualizando o Ecodesign

Retomando o objetivo central do texto, de debater estratégias para um novo paradigma no design de moda, o Ecodesign se apresenta como um caminho possível, entre tantos outros, de formulação deste novo paradigma, pois propõe uma nova forma de se conceberem bens de consumo. A respeito disso, Berlim afirma:

Em 2002 o conceito de ecodesign, que envolve especialmente a área do design de produtos no contemporâneo, foi ainda mais contextualizado. O designer e arquiteto William McDonough e o químico Dr. Michael Braungart desenvolveram o termo “from cradle-to-cradle” (do berço ao berço), em que o design de produtos e os processos produtivos passam a ser concebidos de modo que todas as partes (componentes, matérias-primas, processos químicos etc.) possam ser reutilizadas em novos processos produtivos após o descarte (BERLIM, 2012, p. 43).

É importante notar que, ao longo da literatura sobre Ecodesign, esse conceito acaba sendo um termo guarda-chuva (*umbrella term*) que abriga diversas práticas e ferramentas como possibilidade de minimizar esse impacto, sem apontar estratégias específicas para alcançar esse fim. Santos (2001 apud PLATCHECK, 2003, p. 47), por exemplo, afirma que Ecodesign é uma “visão holística” que influencia a concepção do produto, fazendo o designer repensar “escolhas de materiais, fabricação, uso, reuso, reciclagem” etc., de um produto. No mesmo sentido, Berlim diz:

O termo ecodesign surgiu como uma resposta à necessidade de introduzir nas várias fases do ciclo de vida do produto o conceito de sustentabilidade em toda a sua amplitude, indo da poupança de recursos naturais em geral e minimização de resíduos e emissões à utilização de fontes de energia renováveis, considerando sempre a realidade sócioambiental de toda e qualquer mão de obra envolvida. (BERLIM, 2009, p. 50)

A ideia de que o Ecodesign seja um conceito que diz respeito apenas às questões ecológicas (ou ambientais) é levantada por alguns teóricos, como Pazmino (2007). No entanto, ao longo do texto, a autora se contradiz ao afirmar que uma das bases do Ecodesign é a obra *Green Imperative*, de Victor Papanek, publicada em 1995, que, segundo ela, é “um livro que chama o designer a se questionar sobre qual o impacto ambiental e social do seu trabalho” (PAZMINO, 2007, p. 5). Dentro dessa perspectiva, o Ecodesign partiria sempre de uma abordagem socioambiental e econômica. Nesse sentido, Fry aponta que



O Ecodesign, como prática de design, toma dois caminhos que convergem: avança rumo à criação de uma economia produtiva, mas que limita o dano ecológico; ao mesmo tempo, forceja por gerar riqueza ao passo que diminui o volume dos recursos usados (FRY, 2009b, p. 29).

A perspectiva social que o Ecodesign engendra fica explícita quando se retoma o debate ecofeminista acerca do fato de que a dominação da natureza (e, ao usar esse termo, subentende-se o uso desenfreado dos recursos naturais, a má administração dos resíduos gerados por esse processo, entre outras questões semelhantes) atinge de forma mais brutal grupos socialmente desfavorecidos. Pensando no Ecodesign como uma ferramenta que pode ajudar a combater essa dominação, ele pode também ser utilizado de forma a combater as opressões suscitadas por esta. Novamente, Fry aponta: ‘o Ecodesign é um meio, não um fim. [Seu fim] não é a finitude, mas a continuidade do bem-estar dos processos mutáveis da biosfera e de todas as outras áreas que dependem da vida’ (FRY, 2009b, p. 49).

Aproximações e Distanciamentos entre Ecofeminismo e Ecodesign

O último parágrafo é um ponto de partida para uma reflexão crítica sobre uma das faces da aproximação entre Ecofeminismo e Ecodesign. Ambos partem da ideia de que os esforços relativos às questões ambientais são indissociáveis das perspectivas social e econômica. Fry (2009b), Pazmino (2007) e Berlim (2009) explicitam que, por tratar-se de uma ferramenta projetual, a questão econômica é inerente ao Ecodesign, tendo em vista que este deve estar comprometido com um diálogo com a “cultura industrial” e com os mercados aos quais o design atende. No pensamento ecofeminista, as questões de classe são reforçadas como indissociáveis dos impactos humanos nos ecossistemas (Plumwood, 1993). Faria sentido perceber um ponto de convergência aqui.

Apesar de essa aproximação parecer óbvia, é justamente em relação à perspectiva econômica que surge um possível distanciamento entre esses dois conceitos, e este é um dos pontos mais críticos e conflituosos observados pelos autores ao propor essa relação. Ao longo da elaboração deste trabalho, uma das questões levantadas foi a divergência entre o olhar que o Ecofeminismo e o Ecodesign possuem em relação ao capitalismo.



É dado que o Ecofeminismo, justamente por partir de uma abordagem interseccional, que critica estruturas sociais como gênero, raça e classe, e sublinha as perspectivas regionais e indígenas, se apresente como anti-capitalista. Afinal, de acordo com Solón (2019), apesar de não ter criado o patriarcado, o capitalismo o acentuou de forma significativa, e assim o fez com as estruturas racial e de classe, com vistas à manutenção dessas formas de dominação. Seria improdutivo, então, associar o Ecofeminismo a uma outra epistemologia que não contesta o sistema capitalista.

Apesar de não se fazer uso do termo “anti-capitalista” na literatura do Ecodesign à qual se teve acesso na elaboração desta pesquisa, seria ingênuo classificar o Ecodesign como indiferente ou não-crítico aos processos capitalistas. Entendê-lo como uma estratégia que pode ajudar a trazer um novo paradigma ao Design de Moda significa entender que, em sua essência, ele não deve se apoiar em conciliações e reformismos, e a obra *Reconstruções: Ecologia/Design/Filosofia* de Tony Fry (2009b) é rica em relação a essa perspectiva.

O autor elucidava, em diversos momentos dela, que o Ecodesign visa a mudanças sistêmicas, que devem preceder a própria atividade projetual. Como apontado por ele, o Ecodesign ‘não é apenas um conteúdo adicional que amplia o paradigma de design vigente’ (FRY, 2009b, p. 182). Trata-se de radicalizar as bases a partir das quais parte o pensamento de design: repensar o design e toda a ‘cultura industrial’ inclui uma ‘mudança fundamental no modo como a sociedade humana se conduz, sobretudo, em termos de como ela trata seu ambiente material’ (Ibid.). Fry (2009a) se mostra irredutivelmente crítico ao capitalismo tardio na obra *Design futuring: sustainability, ethics, and new practice*.

Ele diz, ainda, que as possibilidades materiais que o Ecodesign suscita não são, sozinhas, capazes de dar conta da tarefa de combater os sintomas da insustentabilidade, pois não há tecnologia ou ciência que sejam, estruturalmente, qualificadas para promover essa mudança (FRY, 2009b, p. 12). Questionar as estruturas sobre as quais a sociedade se ergue é, então, inevitável ao se pensar a partir do Ecodesign, o que não o coloca necessariamente em oposição ao pensamento ecofeminista, como pode parecer inicialmente. Apesar disso, aqui, não se tem a pretensão de afirmar o Ecodesign como

anti-capitalista, e, sim, de observar que esse conceito está distante dos reformismos aos quais se tem assistido no campo da sustentabilidade nas últimas décadas.

Uma outra divergência pode surgir ao se pensar que o Ecofeminismo parte do campo filosófico e o Ecodesign atua, quase sempre, dentro do campo projetual. Fry é imprescindível, novamente, para sublinhar a amplitude do conceito de Ecodesign e afirmar que este não é composto apenas pela dimensão prática: ‘O Ecodesign é apresentado como uma filosofia da ação, uma filosofia prática [...] Buscando-se uma ferramenta, acha-se um pensamento – portanto, pensamento é também ferramenta’ (FRY, 2009b, pp. 29-30). Essa afirmação também ajuda a entender que, apesar de ficar restrito ao campo teórico, o Ecofeminismo pode ajudar a tecer as bases a partir das quais essa mudança de paradigma, tão mencionada neste artigo, pode ser incorporada à prática do Design de Moda.

É a partir dessa visão que, no Trabalho de Conclusão de Curso que serviu de base para este artigo, se utilizou o Ecofeminismo em conjunto com o Ecodesign, para pensar uma marca de moda que servisse a esse propósito (tendo em vista que a criação de uma marca fictícia é requisito obrigatório para o bacharelado em Design de Moda da Universidade à qual os autores pertencem). A seguir, serão brevemente apresentados os resultados materiais aos quais o grupo chegou a partir da fundamentação teórica aqui exposta.

Resultados Materiais

As peças da coleção, desenvolvidas de acordo com a pesquisa, foram confeccionadas a partir de resíduos oriundos da indústria têxtil (que, muito provavelmente, seriam descartados de maneira incorreta, poluindo solos, efluentes etc. e causariam danos principalmente àqueles vulneráveis economicamente e socialmente). Entende-se também que o uso de tecidos de descarte baratearia o valor do produto final, tornando-os acessíveis ao consumidor. Nesse caso, os tecidos em questão foram descartados pela empresa Lucas Anderi e cedidos ao projeto.

O grupo projetou peças de modelagens simples, com o mínimo de recortes e necessidade de aviamentos extras possíveis, mas, sem abdicar do apelo estético e



usabilidade, apontados como prioridade entre o grupo focal entrevistado, respeitando as particularidades dos resíduos, a fim de conseguir diminuir ao máximo as sobras ou zerá-las.

Figura 1: Painel de desenvolvimento de uma saia da coleção (*look* 9/12).



Fonte: Acervo do grupo, 2020.

Considerações Finais

Entende-se que a relação aqui proposta entre Ecofeminismo e Ecodesign não é inerente a nenhum desses conceitos, muito menos se encontra na literatura de cada um deles. No entanto, acredita-se que as considerações feitas acerca das aproximações e dos distanciamentos entre ambos suscitam uma reflexão importante sobre interdisciplinaridade no campo projetual. Entende-se que, ao refletir sobre possíveis relações com outras epistemologias, que não estejam restritas ao campo do design, os projetos (aqui, especificamente falando de projetos em Design de Moda) podem ser enriquecidos, dos pontos de vista teórico e prático.

Também se destaca que o processo projetual acabou não sendo muito detalhado neste texto, já que o objetivo principal era apresentar as complexidades do debate que levaram, em um segundo momento, à materialização dos dez *looks*. Aprofundar este processo significaria apresentar uma série de outros dados que não cabem aqui.

Apesar disso, os autores acreditam que o objetivo de contribuir, mesmo que minimamente, com a discussão sobre a urgência de uma mudança paradigma na moda, foi

alcançado, com a exposição de algumas das considerações que o Ecofeminismo e o Ecodesign trouxeram ao projeto.

Referências

ASSIS, Daiane N. C. de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

_____. **Moda, a possibilidade da leveza sustentável: tendências, surgimento de mercados justos e criadores responsáveis**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Report of the world commission on environment and development: our common future**. EUA: United Nations, 1987.

DI CIOMMO, Regina C. **Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade**. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 423-443, julho-dezembro/2003.

FLORES, Bárbara do Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. **Ecofeminismo e comunidade sustentável**. Florianópolis, Revista Estudos Feministas, vol.23 no.1. Jan./Dec. 2015.

FRY, Tony. **Reconstruções: Ecologia, Design, Filosofia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FRY, Tony. **Design futuring: sustainability, ethics, and new practice**. New York: Berg, 2009.

PAZMINO, Ana Verónica. **Uma reflexão sobre Design Social, Ecodesign e Design Sustentável**. Curitiba (PR): I Simpósio Brasileiro de Design Sustentável, 2007.

PLATCHECK, Elizabeth Regina. **Metodologia de Ecodesign para o Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis**. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

PLUMWOOD, Val. **Feminism and the Mastery of Nature**. Londres: Routledge, 1993. Fonte Times New Roman, corpo 12, sem recuo e somente um espaço entre os títulos.

ROSENDO, Daniela. **Ética sensível ao cuidado: alcance e limites da filosofia ecofeminista de Warren**. Florianópolis (SC): UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2012.

SOLÓN, Pablo. **Alternativas sistêmicas: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. São Paulo: Elefante, 2019.

